

A DISCIPLINA DE GEOGRAFIA ENTRE A DESVALORIZAÇÃO E A SUA RELEVÂNCIA: VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO NO CONTEXTO DAS TENSÕES DO NOVO ENSINO MÉDIO

Francisco Romenique Pereira Pimentel¹

(Graduando do curso de Geografia do Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão/UERN, (84) 998132245 romeniquepimentel@alu.uern.br)

Ma. Francisca Elizonete de Souza Lima²

(Doutoranda -UFRN; docente permanente do curso de Geografia do Campus Avançado de Assú/UERN, (84) 9967-2885

franciscaelizonete@uern.br)

Esp. Francisca Andressa Carlota³

Especialista em Ensino de Geografia, UERN); Mestranda, PPGE UERN (84) 98853-2965, andressa-carlota@hotmail.com

Esp. Luana Alves Dos Reis Cassiano⁴

Especialista em Ensino de Geografia, UERN.) (84) 988592632, luaninhacassiano@gmail.com

Me. Jeyson Ferreira Silva de Lima⁵

Doutorando-USP; docente do curso de Geografia do Campus Avançado de Assú-UERN) (84) 994320404, jeysonferreira@uern.br

RESUMO

O artigo apresenta o relato de experiência de um estagiário de Geografia no contexto do Novo Ensino Médio, na Escola Estadual Juscelino Kubitschek, em Assú/RN. A metodologia se deu a partir de revisão de literatura e documental, bem como trabalho de campo com observações *in loco*, e execução de oficina pedagógica. A pesquisa discute os impactos da redução da carga horária da disciplina e sua consequente desvalorização, evidenciando prejuízos para a formação crítica e cidadã dos estudantes. As reflexões oferecem um olhar de quem está em processo de inserção na docência, contribuindo para o debate sobre os desafios e possibilidades da disciplina frente às mudanças recentes na educação brasileira, reforçando sua importância como componente essencial para uma educação emancipatória.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia; Novo Ensino Médio; Estágio Supervisionado;

GT 05: Ensino de Geografia

1 INTRODUÇÃO

O Ensino Médio (EM), última etapa da educação básica, especificamente no contexto do ensino da Geografia, enfrenta diversos desafios educacionais. Botelho (2017) enfatiza que um dos percalços dessa disciplina no EM é justamente a defasagem no que se refere ao ensino fundamental e a dificuldade de articulação dos seus objetivos com o mundo do trabalho. Para o autor, tais questões suscitam reflexões relevantes sobre uma etapa escolar crucial para o desenvolvimento de uma educação crítica e cidadã, sobretudo no caso da Geografia, que possibilita aos estudantes situarem-se diante de sua realidade.

Hodiernamente, esses desafios vem sendo relacionados não somente a essas questões destacadas por Botelho (2017), como também ao Novo Ensino Médio (Brasil, 2017), que promulgado em 2017, provocou mudanças radicais na estrutura dessa etapa de ensino,

especificamente no contexto das ciências humanas. Área essa, que sofreu uma brusca redução de carga horária, que impactou negativamente na formação crítica, cidadã e emancipatória dos sujeitos, que ficaram à margem da importância educacional dessa ciência, a Geografia (Silva, Krawczyk e Calçada, 2023).

Seguindo essa linha de raciocínio, esse presente artigo, versa acerca dos relatos de experiência de um estagiário (estudante de Geografia) no contexto das tensões do Novo Ensino Médio, na Escola Estadual Juscelino Kubitschek – localizada em Assú, interior do Rio Grande do Norte. Em outras vias, essa pesquisa destaca os desafios vivenciados por esse estudante no tocante a desvalorização dessa disciplina face à redução brusca de carga horária. Para além disso, como respostas a essa desvalorização, o autor enfatiza também a importância dessa disciplina para uma formação crítica emancipatória, a partir da execução de uma oficina pedagógica.

Assim, o objetivo geral desse trabalho consiste em compreender a inter-relação entre as tensões do Novo Ensino Médio no contexto da Geografia Escolar e a relevância educacional dessa disciplina frente a esse processo de desvalorização. Os específicos, por sua vez, são 1) discutir os principais rebatimento da redução de carga horária da disciplina de Geografia, 2) destacar a importância educacional da Geografia mediante a confecção de uma oficina pedagógica.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender os impactos do Novo Ensino Médio na prática docente de Geografia, especialmente diante da redução de sua carga horária e da consequente marginalização da disciplina. As experiências do estagiário em formação oferecem um olhar preliminar de alguém que ainda está em processo de inserção no ambiente escolar, proporcionando perspectivas distintas daqueles professores já adaptados as particularidades e dinâmicas desse espaço. Ademais, evidencia-se que, embora os desafios decorrentes da redução da carga horária sejam significativos, é possível identificar e percorrer outros caminhos para a construção e o fortalecimento da formação docente.

2 METODOLOGIA

Pensando nisso, elaborou-se uma metodologia voltada à execução e ao alcance dos objetivos desta pesquisa. Nesse sentido, a atividade de Estágio III (observação) foi realizada na Escola Estadual Juscelino Kubitschek (figura 01), instituição de tempo integral situada no município de Assú (RN), no bairro Dom Elizeu, área urbana, conforme apresentado no mapa

a seguir. A escola funciona nos turnos da manhã e da tarde, em regime integral, integrando o Ensino Médio técnico, com oferta dos cursos de Informática e Energias Renováveis, do 1º ao 3º ano.

No que se refere ao ensino integral, é relevante destacar que, embora disponha de sala de informática, laboratórios, salas de aula climatizadas e quadra esportiva, a instituição carece de infraestrutura adequada para que os estudantes permaneçam durante todo o dia, não contando com espaços destinados ao descanso ou para a guarda de pertences pessoais.

Figura 1: Mapa de localização da escola campo



Fonte: Barbosa Júnior (2025)

As atividades desenvolvidas durante o estágio de observação envolvem, também, a elaboração de uma oficina, realizada na turma do 2º “A” de Informática, em 29 de maio de 2025. A oficina consistiu na construção de cartazes com base nas teorias demográficas estudadas: Teoria Malthusiana, Teoria Neomalthusiana e Teoria Reformista. A turma foi organizada em três grupos, sendo que cada grupo ficou responsável por produzir um cartaz explicativo sobre uma das teorias.

Ao término da atividade, cada grupo realizou a apresentação de seu respectivo cartaz, compartilhando com os demais colegas os principais conceitos e contribuições da teoria abordada. Os materiais utilizados foram canetas, lápis, coleção hidrocor, cola, tesoura, régua, EVA, imagens para a confecção dos cartazes, que devia conter título, imagens, frases de efeito, pequenos textos explicativos e desenhos.

3 O NOVO ENSINO MÉDIO E OS ITINERÁRIOS FORMATIVOS: AVANÇOS EDUCACIONAIS OU RETROCESSO NA FORMAÇÃO CRÍTICA DENTRO DAS CIÊNCIAS HUMANAS?

O Novo Ensino Médio, promulgado pela Lei nº 13.415/2017, compreende uma série de reformas institucionais na última etapa da educação básica, relacionadas, sobretudo, a formas de oferta, organização pedagógica e curricular (Brasil, 2017; Silva; Chrispino; Melo, 2025). Com o objetivo de flexibilizar a estrutura curricular do Ensino Médio, tornando-a mais próxima das demandas e interesses em percurso no século XXI, por exemplo, desenvolvimento de habilidades, autonomia e capacitação profissional dos jovens para o mundo do trabalho, essa reforma vem suscitando diferentes debates a respeito de seus rebatimentos no contexto educacional brasileiro (Avelino et al., 2024).

Alinhando-se ao contexto das mudanças institucionais do Novo Ensino Médio, é cabível destacar duas principais alterações, necessárias à compreensão dessa pesquisa: a organização pedagógica e organização curricular. Essas duas alterações, incidem diretamente no ofício dos professores, no desenvolvimento dos componentes curriculares e no cotidiano dos estudantes, considerando o seu processo de aprendizagem a partir do ensino que lhes é ofertado.

Como grande slogan do Novo Ensino Médio, se vendeu a ideia sobre a relevância do protagonismo juvenil em seu processo de construção do conhecimento, no qual os alunos teriam autonomia para se aprofundar em áreas específicas que possuir maior afinidade, escolhendo os possíveis itinerários formativos. Além de construir, em conjunto com professores, colegas e demais grupos, um projeto de vida, que engloba a preparação e exploração de seus objetivos, interesses, potencialidades tanto educacionais, quanto pessoais e profissionais.

Embora a proposta tenha sido considerada inovadora, sobre o poder de escolha dos estudantes acerca do seu processo formativo, ela não se sustentou no contexto de um país em que a educação não tem sido prioridade, em que muitos municípios, nem se quer, tem escolas de Ensino Médio, em que boa parte dos estudantes são também alunos trabalhadores. Para além disso, boa parte das escolas não oferecem estrutura para diversificar o currículo, o que contribuiria para a formação integral. Como fazer escolhas se não são dadas as opções?

Voltando ao contexto da reorganização curricular, esta também se redefiniu a partir da revisão da carga horária. Nesse sentido, a carga horária que era de 2400 para 3000,

incorporando os itinerários formativos que compõem 1200 dessas horas, o que denota significativa ampliação e necessidade de ajustes pedagógicos, mas também em termos de recursos materiais e humanos para contemplar o que se estabelece na lei (Brasil, 2017).

A respeito dos itinerários formativos, estes compreendem a base curricular diversificada do Novo Ensino Médio (NEM), isto é, componentes que não integram a grade curricular básica, formado por disciplinas, como, Português, Geografia, Matemática, História (Brasil, 2017), com a finalidade de tornar o NEM mais atrativo e adequado a realidade dos estudantes, como salientado anteriormente por Avelino et. Al (2024). Os itinerários formativos têm por obrigação contemplar ao menos uma das principais áreas do conhecimento: Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências da Natureza e suas tecnologias, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Comumente, essa parte diversificada da base curricular se materializa no espaço escolar, principalmente, a partir das disciplinas de projeto de vida, eletivas, empreendedorismo e estudo orientado, bem como cursos técnicos (Brasil, 2017).

Apesar de os itinerários formativos desempenharem, de certo modo, um papel importante na formação dos jovens, principalmente a partir da dinâmica de exploração da autonomia e interesse nos diversos campos do conhecimento, frequentemente vem sendo palco de controvérsias relacionadas, sobretudo, a redução da carga horária das áreas básicas e seus impactos na formação crítica e cidadã. Acerca disso, Silva, Krawczyk e Calçada (2023), asseveram que:

A redução do tempo e conteúdo da formação geral básica, comum a todos, não tem se mostrado uma escolha por parte dos jovens, tal como se intenta convencer através da agressiva propaganda midiática que acompanha a reforma. Pelo contrário, esse argumento tem sido confrontado pelas mobilizações e demandas juvenis que buscam, sobretudo, serem autônomos e críticos, possuir uma formação científica e humanística sólida que lhes permita compreender a realidade e afrontar os desafios naturais, sociais, políticos, culturais e econômicos contemporâneos (Calçada; Krawczyk; Silva, 2023, p. 15)

Sustentando-se nessa perspectiva, é perceptível que a redução da carga horária da formação básica e, conseqüentemente, dos conteúdos a serem lecionados, tem confrontado os discursos de “formação humana, integral, autônoma e contextualizada” comumente proferidos no setor midiático pelos órgãos educacionais. Isso advém, seguindo o pensamento de Libâneo

(1985) de uma educação tecnicista, ou seja, voltada à instrumentalização, a formação de recursos humanos (mão de obra) para o trabalho, em detrimento de um ensino crítico.

Assim, essa educação tecnicista (Libâneo, 1985) e alienadora (Freire, 2019) imbuída no contexto do NEM, se materializa no espaço escolar mediante a priorização de disciplinas dos itinerários formativos, ao invés da área básica, que tomando como partida a concepção de Silva, Krawczyk, Calçada (2023) tem um papel relevante na compreensão/crítica dos desafios sociais, políticos, culturais, ambientais, econômicos e contemporâneos.

Trazendo essa discussão para o contexto da Geografia Escolar, entendida enquanto uma geografia não somente lecionada nas escolas, mas também que tem sua orientação, funcionamento e dinâmica a partir do próprio contexto escolar (Batista, 2021; Cavalcanti, 2014), observa-se que esse contexto do Novo Ensino Médio e, em particular, dos itinerários formativos, tem impactos na questão do mundo do trabalho e na formação cidadã dos alunos através da Geografia Escolar.

No tocante à preparação para o mundo do trabalho, Botelho (2017) tece uma relevante contribuição ao problematizar a superficialidade e a desconexão das competências da Geografia no Ensino Médio, com destaque para a compreensão da relação sociedade e natureza, articulação dos conceitos geográficos e domínio da linguagem geográfica. Botelho (2017) sinaliza que as competências tanto carecem de uma abordagem técnica para o ramo laboral como também de uma consciência crítica para situar os estudantes a respeito da complexidade e desafios do mundo do trabalho.

Partindo da concepção de Botelho (2017) e da questão dos itinerários formativos, Silva, Krawczyk e Calçada (2023) traz à tona reflexões interessantes acerca de como é complexo oferecer uma educação que articule saberes técnicos e críticos como ponte concreta para a inserção dos jovens no mundo do trabalho. Diante disso, à título de finalização, Araújo e Kunz (2019), destacam que a Geografia Escolar tem um papel central no campo formativo, ao situar o estudante em torno de seu mundo, conduzindo-a enxergar sua realidade e principalmente a atuar sobre ela, seja ela ambiental, econômica, cultural, política.

Ciente da relevância da Geografia Escolar, principalmente no contexto das ciências humanas, mediante sua reflexão acerca dos fenômenos espaciais, é notório que a redução de carga horária de áreas básicas, destacada por Silva, Krawczyk e Calçada (2023), em detrimento dos itinerários formativos, indica uma questionável desvalorização dessa

disciplina, que se aproxima de uma educação tecnicista (Libâneo, 1985) e destoa, portanto, de um ensino crítico, libertador e emancipatório, defendido por Freire (2019).

4 A DESVALORIZAÇÃO DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA: COMPREENDENDO AS NUNCES DESSE PROCESSO

As novas tensões do Novo Ensino Médio tiveram percursos diferentes em cada espaço escolar. No entanto, seu caráter tecnicista, marcado por uma forte instrumentalização técnica do ensino, voltada a formação de mão de obra, como enfatiza Libâneo (1985) parece ter tido rebatimentos semelhantes, principalmente no que concerne a redução de carga horária de disciplinas básicas e a demasiada valorização dos itinerários formativos, como campos chaves para uma formação juvenil que tenha como cerne o “protagonismo juvenil”, segundo Brasil (2017). Assim, na escola Juscelino Kubitschek, instituição campo de atuação do presente estagiário, insere-se no contexto das escolas que tiveram suas dinâmicas e organização modificadas pelo NEM, mediante a redução de carga e dos itinerários formativos.¹

De modo mais específico, foi possível notar essa redução na disciplina de Geografia, que conta somente na turma com dois horários espaçados (em dias distintos), fator esse que complicou a execução das aulas pela professora regente, que apresentou dificuldades em relação à elaboração de estratégia de ensino que se delimitasse a esse tempo de aula bastante curto. Sendo comum, inclusive, a professora regente utilizar aulas de projeto de vida para suprir as demandas da disciplina de Geografia.

Esse contexto apresenta um descompasso, em nossa percepção, com as diretrizes do Ensino Médio pautadas no protagonismo juvenil, na autonomia do estudante e no ensino contextualizado, voltado ao desenvolvimento de habilidades e competências, conforme assegurado na BNCC. Afinal, como alcançar tais objetivos propostos pelo Novo Ensino Médio se uma disciplina fundamental, como a Geografia, é secundarizada? Disciplina que desenvolve a compreensão da realidade socioespacial, que inclui o tão discutido “mundo do trabalho”.

Segundo Freire (2019), uma educação verdadeiramente emancipatória deve promover a conscientização crítica e a transformação social, contrapondo-se a modelos tecnicistas que

¹ É importante destacar que não se adota uma postura contrária à implementação do projeto de vida, reconhecendo seu potencial para promover o desenvolvimento integral dos estudantes. No entanto, acreditamos que, antes de avançar para a diversificação da matriz curricular, é fundamental fortalecer e consolidar a base educacional, garantindo que os conteúdos essenciais estejam bem estruturados.

priorizam a reprodução acrítica do conhecimento e a adaptação ao mercado de trabalho. Essa redução drástica da carga horária da Geografia reflete, portanto, uma orientação educacional tecnicista, que tende a desconsiderar o papel formativo da disciplina na construção da autonomia intelectual e cidadã.

Ademais, autores como Libâneo (2015) destacam que a marginalização de disciplinas críticas e humanísticas no currículo escolar limita a capacidade dos estudantes de se posicionarem criticamente perante as desigualdades sociais e os desafios contemporâneos. Nesse sentido, o descompasso entre as propostas oficiais do Novo Ensino Médio e as práticas concretas, como a redução do ensino da Geografia, aponta para uma contradição que merece ser debatida e enfrentada na formação docente e nas políticas educacionais.

Para além da experiência da professora, o estagiário em questão, que estava na fase observação, se defrontou com essa triste realidade ao planejar e executar uma oficina sobre teorias demográficas em aulas de projeto de vida, que inclusive não foram suficientes para desenvolver a oficina em sua completude.

Isso decorre em razão de que seria necessário, pelo menos, três horários que abarcassem a discussão teórica, confecção da oficina e socialização, essa última tão crucial não foi possível devido ao tempo limitado. Por isso, concordamos com Silva, Krawczyk e Calçada (2023), quando afirmam que a redução de carga implica negativamente na formação humanística e científica dos alunos. Principalmente porque o conteúdo abordado, caso tivesse sido socializado da maneira pensada, ampliaria o campo de visão dos alunos a respeito não somente da geografia, como também saúde pública.

Acerca dessa oficina, que versava sobre as teorias demográficas (malthusianismo, neoemathsuiana e reformista), tinha como objetivo compreender, por meio da confecção e socialização de cartazes em oficina, as diferentes perspectivas sobre o crescimento populacional segundo as teorias de Malthus, dos Neomalthusianos e dos Reformistas. Atentando-se, principalmente, as características, semelhanças e divergências acerca do crescimento populacional presente nas teorias de Malthus, Neomalthusianos e Reformistas. Para além disso, a oficina buscou contribuir para os estudantes se situarem, geograficamente, sobre os impactos sociais, econômicos e culturais das teorias demográficas no contexto contemporâneo, principalmente brasileiro.

Figura 2: Produção de cartazes pelos alunos



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Apesar dos desafios enfrentados na execução da oficina, os resultados foram positivos. Observou-se que os alunos demonstraram interesse pela dinâmica proposta. Um aspecto relevante foi o engajamento dos estudantes em relação aos métodos contraceptivos, abordados pela teoria neomalthusiana, o que gerou debates significativos acerca da importância da educação sexual.

A maturidade dos discentes também se evidenciou no cuidado ao recortar e colar os anticoncepcionais nos cartazes. Ancorando-se na perspectiva de Araújo e Kunz (2019) sobre a relevância da Geografia Escolar, tal comportamento ressalta o papel central dessa disciplina no protagonismo juvenil e no desenvolvimento do pensamento crítico, mesmo diante das tensões relacionadas aos impactos do Novo Ensino Médio e seus itinerários formativos.

5. CONCLUSÕES

Portanto, a pesquisa realizada permitiu identificar que a desvalorização da Geografia no contexto do Novo Ensino Médio decorre, paradoxalmente, de sua própria relevância educacional. Isso porque o NEM apresenta uma forte orientação tecnicista, que tende a desconsiderar as demandas formativas da classe trabalhadora.

Nesse sentido, torna-se desafiador, mas imprescindível, que lutemos pela valorização de uma disciplina que estimula o pensamento crítico e contribui para que os estudantes questionem e rompam com as amarras de um sistema excludente. Ademais, o estágio de observação possibilitou ao estagiário compreender de forma mais ampla as tensões inerentes

ao NEM e refletir sobre estratégias para enfrentar a significativa redução da carga horária durante o estágio de regência.

REFERÊNCIAS

SILVA, Monica Ribeiro da; CHRISPINO, Alvaro; MELO, Thiago Brañas de. Revisão sistemática da literatura sobre o Novo Ensino Médio (2017–2023). **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 33, n. 126, p. 1-28, 2025.

AVELINO, Francisco José Fialho et al. DESVENDANDO O NOVO ENSINO MÉDIO: TRANSFORMAÇÕES E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA. **Revista Ft**, v. 28, n. 133, 2024.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União, Brasília**, DF, 17 fev. 2017.

SILVA, Monica Ribeiro da; KRAWCZYK, Nora Rut; CALÇADA, Guilherme Eduardo Camilo. Juventudes, novo ensino médio e itinerários formativos: o que propõem os currículos das redes estaduais. **Educação e Pesquisa**, v. 49, p. 1-18, 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 28º ed. São Paulo: Edições Loyola, 1985.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. 84º ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

BATISTA, Edimar Eder. Geografia escolar, educação geográfica, autonomia docente e Questão Conceitual: tecendo ligações. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 11, n. 21, p. 05-27, 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. 8º ed. Campinas: Papirus Editora, 2014.

BOTELHO, José Maria Leite. A geografia no ensino médio: o desafio da formação de competências e habilidades para o trabalho. **Geografia, Ensino & Pesquisa. Santa Maria**, v. 21, n. 3, p. 75-86, 2017

DE ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira; DA SILVA KUNZ, Sidelmar Alves. Geografia escolar e currículo: aportes da construção do saber geográfico e dos postulados acadêmicos. **Revista Ensino de Geografia (Recife) V**, v. 2, n. 2, 2019.
